

«O homem que fala várias línguas é às vezes um infeliz em várias versões».

ANO VI - N.º 144

DEZEMBRO

1

1957

A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA



Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154 F A R O

DIRETOR

JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO

JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Loulé
Telefone 216

CINCO ANOS DE VIDA!

No dia 1.º de Dezembro de 1952, aparecia à venda nas ruas da nossa vila «A Voz de Loulé» e grande foi o alvoroço dos louletanos, quando enfática e eufóricamente diziam: «Finalmente temos um jornal».

O nosso Director, no seu editorial, dizia: «Será, fundamentalmente, um jornal de Loulé, para os louletanos».

O Dr. Joaquim de Magalhães, de Faro, sob o título «Saudação», escrevia, com a sua natural simplicidade e primor: «Não fazia realmente sentido que numa terra da importância de Loulé não houvesse uma voz impressa, para lhe defender os interesses».

Em «Carta aberta a toda a gente», Fernando Laginha declarava: «Quanto a mim, esta realização é um claríssimo exemplo de bairrismo e de boa vontade,

que se torna tributária do respeito e amparo devidos a todos os que lutam pela causa justa».

O nosso editor, o proprietário e responsável por este empreendimento, o maior sacrificado e o que nos merece o maior respeito e admiração, porque é o herói desta aventura, também disse, da sua justiça e sob o título «Finalmente» escreveu: «Pela nossa parte, cremos ter conseguido o mais difícil: iniciar a publicação de um jornal em Loulé. No futuro, dependerá de vós a sua existência e expansão, para que possamos melhorá-lo continuamente de forma a corresponder ao real valor da nossa terra, contribuindo para a propaganda e valorização deste próspero concelho».

No número seguinte, em artigo sob a epígrafe «A Voz de Loulé e a reacção dos louletanos» dizia-se: «Na redacção cheiram cartas, alguns telegramas, muitos bilhetes postais, dando conta do entusiasmo e contentamento que a aparição do jornal causou nos louletanos dispersos por esse mundo fora.

São de perto, de Faro, Lagos, Tavira, etc., só de mais longe, de Lisboa, Porto, Coimbra e Aveiro, todos unâmines em festear, com palavras de incitamento e entusiasmo, a iniciativa e a encorajar e prometer auxílio ao empreendimento».

Está feita a recordação de uma data: que a todos quase esqueceu e que só nós, os que continuamos com o mesmo fervor, o mesmo espírito de sacrifício, saudosamente, lembramos.

No entanto, devemos dizer que os nossos apelos foram atendidos, na sua maioria e que há muito grande a expansão do nosso jornal.

Os nossos anseios foram compreendidos espalhados pelas cinco

(Continuação na 3.ª página)

1.º DE DEZEMBRO

De novo, em acenos e hi-
nos de verdadeiro patriotis-
mo, eis-nos na presença des-
se data gloriosa e imorre-
doura para PORTUGAL,

desse dia, que é simultânea-
mente um clamor de vida e um
poema de amor patrio, que é o 1.º de Dezembro.

Portugal renascido e pronto a lutar, a nação que se ergueu das próprias cinzas e que galvanizada, retomou a sua posição perante a história dos tempos, vinculando e iniciando a caminhada glori-
osa, que em Ourique foi

início e em Aljubarrota concretização. O lusitanismo, já mal se havia apagado nas

almas portuguesas e como

virús, que aguarda ansiosa

a hora da germinação, eis

que, floresce e iníbria, em

reflexos de amor e de her-
roismo.

A alma de Camões de no-

(Continuação na 2.ª página)

A propósito do 5.º aniversário

Com o presente número completa «A Voz de Loulé» cinco anos de existência.

Para qualquer órgão de imprensa, cinco anos de vida nada contam, mas o que isso representa para nós em esforço exaustivo, preocupações e dissabores, é alguma coisa de muito importante.

Que não temos conseguido atingir o nível que nos propuzemos, somos os primeiros a reconhecer. Incluímos-nos no número dos que reconhecem falhas lamentáveis e, por isso, não estão satisfeitos. Muito mais nos cumpriria ter feito, mas se mais não fizemos foi porque, na realidade, não pudemos, nenhuma que por falta de esforços por conseguí-lo.

Conscientemente, temos procurado que os louletanos encontrem no seu jornal a satisfação das seus anseios ou o que gostassem de ler e que não fossem desiludidos. Lamentamo-nos e lamentamo-nos por isso, se assim não tiver sido.

Mas, também nós temos que nos confessar desiludidos com o procedimento de muitos louletanos de quem esperámos maior carinho pa-

ra uma iniciativa que só visa o progresso de Loulé.

Se o seu bairrismo não é suficiente para os levar a assinarem o jornal da sua terra, que, ao menos, o confessassem abertamente e nos evitassem os pesados encargos de cobrança e expedição, pois alguns há, que levam a sua falta de consideração ao ponto de suspenderem as assinaturas quando o recibo lhes é apresentado.

Desejamos apenas acentuar com estas ligeiras recriminações que não fomos totalmente compreendidos nem correspondidos no nosso

propósito de melhor servir Loulé. Querer isto dizer que a palavra bairrismo, já não impressiona os louletanos?

Quase nos inclinamos pela afirmativa, pois cada vez rareia mais quem esteja disposto a esforçar-se, desinteressadamente por uma

(Continuação na 2.ª página)

No limiar do ano VI

Com o presente número inicia «A Voz de Loulé» o 6.º ano da sua existência.

Se há mais de quatro meses nos não tem sido possível dispensar ao jornal outra actividade que não seja a de mera e apagada direcção, quase limitada a pôr o nihil obstat nos originais que os nossos prezados colaboradores gentilmente nos mandam, não queremos, neste dia de aniversário, deixar de saudar quantos nos têm ajudado nesta tarefa um tanto inglória, mas por vezes bem pesada.

Sentimos não tanto o trabalho que se dispõe mas, principalmente, a mágoa e o remorso do que se não faz e devia ter sido feito na prossecução dos fins para que nos aventuremos a lançar esta gazeta, em 1 de Dezembro de 1952.

É um assunto que devia ter sido tratado e não foi, um problema que devíamos debater e que não suscitámos ou a que não demos a nossa achega, um comentário que se perdeu, enfim uma tese de carácter meramente ideológico que gostaríamos de apresentar mas a que não foi possível dar corpo.

Embora tudo isto tenha, até certo ponto, pela função que o jornal deve desempenhar, determinado carácter obrigacional, não deixa de ser, relativamente a outras actividades da nossa vida, grata devoção e por isso houve que hierarquizar-lá no que é indiscutível obrigação.

Isso e a dificuldade de certas golsas, ou por magras ou por excessivamente avaras, têm tido ou querido ter no pagamento das assinaturas, parece impôr o nosso regresso a quinzenário. Assim como hesitamos em nos mostrar-nos todas as semanas, temos hesitado ao regresso, porque o é efectivamente.

Ninguém — salvo os preciosos tipógrafos — dos que trabalham para este jornal faz profissão do jornalismo e quando tudo tem de ser feito em horas propositalmente vagas, desde do trabalho de carácter intelectual, até à dobragem e expedição, por nem poder ser pago esse trabalho... não é possível conseguir, todas as se-

(Continuação na 4.ª página)

Loulé e o seu jornal

por LUIS SEBASTIÃO PERES

Foi no dia 1.º de Dezembro de 1952 que «A VOZ DE LOULÉ», deu à estampa o seu primeiro número. Vai, portanto, com o presente número, entrar no seu 6.º ano de publicação.

Colaborador — dos mais desvaliosos — desde o seu primeiro número, tem procurado servir, com os meus pobres escritos, a progressiva e linda vila algarvia que o viu nascer e a Província, seu e nosso território patrio.

De quinzenário — e como tal, sempre se afirmou como extré-

nuo paladino de tudo o que a Loulé e o Algarve dizia respeito — passou a publicar-se semanalmente, embora isso trouxesse, como trouxe, um maior volume de canções para os seus Director e Editor.

Dr. Luís Gordinho Moreira

Por eleição dos restantes municípios do País, foi designado para procurador dos concelhos urbanos à Câmara Corporativa, o nosso prezado e velho amigo sr. Dr. Luís Gordinho Moreira, ilustre presidente da Câmara Municipal de Faro.

Pelo que isto representa como reconhecimento do mérito administrativo do Dr. Luís Moreira e de honra para o Algarve, com este nosso amigo, a quem felicitamos, nos congratulamos, como amigos e como algarvios.

Para tudo quanto necessite, no desempenho dessas altas funções, oferecemos ao sr. Dr. Luís Moreira todo o nosso prestímoso, ainda que fraco e a nossa leal colaboração.

RETOQUEMOS

O RETRATO DE... QUARTEIRA

Iher e também por que razão pagamos a energia eléctrica mais cara do país.

Ao fim e ao cabo, no fundo de questão, a causa de tudo isto não podia deixar de ser outra... a eterna falta de «verba».

R. P. tinha certa dose de razão ao dizer que não acreditava que a exploração da energia eléctrica, em Quarteira, desse lucros pois pelo seu antigo mister sabia (e todos nós sabíamos...) que ela dera sempre déficit. É natural que agora, como o afirma o Sr. Presidente da Junta, mercê de várias circunstâncias, entre elas um apreciado aumento do número de consumidores e o alto preço por que a pagamos, faça que essa exploração dê saldo positivo.

Mas para lá dessas questões contabilísticas, cujo esclarecimento muito agradecemos àqueles ilustres conterrâneos, uma coisa é certa: a energia continuará caríssima como continuaremos a ter horas de recolher!

Acabo de ler na nossa «Voz» que o programa de electrificação do nosso Concelho vai iniciar-se, e como pelo que deduzi de tal leitura, só na 2.ª fase (cujo plano ainda não está aprovado!) as linhas se aproximam de Quarteira (em Almancil), é natural que sómente na 3.ª fase a tenhamos nesta risonha praia... daqui a 10 anos.

Entretanto, esperemos que a

(Continuação na 4.ª página)

Sumário de Ociosidade

por Maria Rosa Colaço

Cânticos e perfume. Depois de expectativa, depois da expectativa, a entrada no autêntico paraíso.

Para lá do rochedo silencioso e rígido, o grande milagre.

O Convento dos Capuchos, escondido algures na serra de Sinta, deixa-nos a alma simplesmente esmagada de emoção. A ninguém esquece. Todos ali estiveram comigo, no escuro das celas, na humildade do refeitório, na capela com sacrário de cortiço e altar lavrado em conchinhos do mar. A todos reunidos, neste lugar de fim do mundo, porque só um lugar de fim do mundo, é possível a fraternidade sonhada.

Cansam-se. Irremediavelmente acabam todos por cansar-se. Toda a compreensão é só teórica e extensiva face às realidades. Cansam-se? E eu também. Canso-me de ser sincera e toda esta gente estar tão habituada às máscaras, que pedem, chegam a pedir, que me vista de subtileza. Entendimento, reacções, presenças, sorrisos, amabilidade, tudo tem de

ser fabricado.

De uma vez para sempre, deixem-me todos em paz que eu «em paz vos deixo: Nasci para viver sózinha. As pessoas, todas as pessoas têm sempre algo que me decepciona (eu a elas). Nasci para viver sózinha. Só assim sou feliz.

Deixem-me pelo menos ser feliz nesta aldeia de pinhais e gente que não conheço, que não me interessa nada conhecer, que não quero conhecer!

Por que hão-de insistir em levarem-me a estes picnics, a estas porcarias todas, se a elas tanto lhes dá que esteja mais uma ou mais uma dúzia, e a mim, tanta gente, me deixa doente para a semana inteira? Porque estou forçada. Porque não quero fingir.

Deixem-me, com trinta mil dias! Gozem, comam, dancem, levem-se com champanhe e uísque, mas deixem-me com o pinhal e o vento; os pássaros e o silêncio! Deixem-me ser feliz à minha maneira. Não há mais problema nenhum. Há apenas e sempre só (Continuação na 2.ª página)

(Continuação na 2.ª página)

PESCA

A indústria de pesca pagou de imposto, nos primeiros quatro meses deste ano, 15.035.476\$00. Isto é, mais 2.338.330\$50 que em igual período do ano passado.

Nascem, vivem
e morrem deveis

Dos que não amam
o trabalho

Muitos lamentam-se e que-
sâm-se que lhes falta tempo para
triunfarem pelo trabalho, para se
tornarem bons profissionais es-
pecializados, altos valores sociais.

Mas desperdiçam, em reprova-
vel ociosidade que lhes arruina
a saúde do corpo e do espírito,
cem mil vezes mais tempo do que
o necessário para tal consegui-
rem.

Esse tempo que queimam na
ociosidade, é, no fim de cada dia,
um punhado de cinza.

Trabalhando, transformavam-
no em honra e proveito.

(Continuação na 3.ª página)

JOÃO LEAL

16 DEZ. 1957

Em breve teremos uma avenida nova e rasgada, moderna e só que consta dos projectos, bela, naquele troço de cidade, que liga a estação ferroviária ao Jardim Manuel Bivar. As obras já vão adiantadas e após os trabalhos preliminares, vão surgindo os esboços nómicos da via que substituirá o velho e pouco saudoso recorrido troço da Avenida da República.

O nome será o mesmo, certamente, e com isso estamos de acordo, mas a imagem será outra, mais compatível com o progresso e o movimento sempre crescente dumha cidade, que em pouco mais de uma década se desenvolveu gigantescamente, alargando as suas fronteiras num ritmo estonteante.

Esta obra, que há muito se impunha, surgiu finalmente e será como que o cartão de visita da cidade aqueles que demandam as suas entradas, quer pelo cumprimento dos deveres diários ou pela procura das belezas naturais. Em especial para o turista, crítico, exigente e geralmente dotado dum vasto conhecimento urbanístico, a nova avenida inocular-lhe-á uma valiosa impressão primária e um sério contributo para o bom nome do burgo e comodidade dos seus habitantes.

Hoje às valas e à terra revolteada, sucedem-se os montes de granito, mas queremos não estar longe o dia em que um pavimento modernamente delineado, se desenrolará perante os olhos, talvez ainda incrédulos do farense, interessado e amigo pelo desboinar das obras, que como esta, sejam reflexos do interesse da edilidade pública.

Consta-nos que naquele lugar adjacente à avenida, por alguém em tarde de feliz inspiração, apelidado de «FAR WEST», vai-se construir uma série de grandes edifícios concebidos em linhas modernistas e que serão um precioso auxiliar e complemento indispensável da urbanização cidadina.

«Loulé... em retrato»

Cismosmos às vezes porque é que as novas gerações saem diferentes de nós no pensar, nos preconceitos, nos princípios e maneiras de ser, ainda que os temhamos querido criar, educar e moldar à nossa própria imagem e semelhança.

E isto apenas no campo educacional, porque, no técnico, no profissional ou na própria intelectualidade, cada um há-de aproveitar aquilo que aprendeu, aquilo a que se dedicou, aquilo para que tem propensão e portanto não admira que o caminho seja divergente.

Ora estas considerações faziam-nos, a propósito de há dias, ver um grupo de «meninos do Colégio» a jogar num campo marcado, «hockey» sem patins e de outros irem logo, de pequeninos, para o bilhar.

E então, lembrei-me, que esta rapaziada já não faz estrelas e papagaios de papel, já não joga às «uvas» e ao «eixo», ao «belindre», ao «pião», à «cochinha» ou à «bellardha».

Tudo evoluiu e talvez estes jogos de agora do «hockey», do «bilhar», queiram trazer e tragam uma outra espécie de sistema moidor de caracteres, talvez tragam uma modalidade diferente de encarar a vida, mais em camaradagem, mais em espírito de equipa, do que aqueles outros jogos onde o individual mais sobressai, mais se aperfeiçoava e cultivava o gênio, a arte, ou o valor pessoal. Será assim, não será? O certo é que eles são diferentes.

Nos vizinhos Concelhos de Silves e de Faro, reina grande azáfama pela realização dos «Cortejos de Oferendas» que se realizarão no próximo mês. Tudo se apresta para que, aproveitando um excepcional ano de produção agrícola, se recolha para os respectivos hospitais grossa massa, para ajudar às suas obras ou apetrechamentos.

Dá raiva verificar que no nosso concelho, o mais rico do Algarve, o mais farto e o mais generoso, se não tenha aproveitado esta circunstância, de tão bons resultados, como vimos da outra vez. Mas... é mesmo assim!

Antigamente o concelho de Loulé, tinha uma curiosa indústria que, embora funcionando em regime, quase de artesanal, criou fama e era preferida por diferentes razões. Referimo-nos aos trabalhos de mármores e cantarias.

Havia quem colhesse mármore no Alto Fica, polisse a pedra rósea da Cabeça Gorda e outras variedades de pedras que o concelho possue.

Isso foi desaparecendo e hoje, como há poucos artistas, quase que só se trabalha de encomenda e por isso não se produz nada para vender.

O Teatro e o Café Calcinha foram feitos com mármores da região e não podemos deixar de reconhecer que a sua beleza é igual a sua duração.

Sinalização da Vila... Há cerca de 4 anos que estão, dentro de calxotes, na Câmara Municipal, chapas de sinalização, oferecidas

3.º de Dezembro

(Continuação da 1.ª página)

por uma das empresas distribuidoras de gasolina, as quais foram feitas na Alemanha e são do que há de mais perfeito e bonito.

Quando será que esse célebre regulamento do trânsito se elabora para se poderem ver, na nossa vila, aplicadas essas belas chapas?

Não é que isso dê muito trabalho pois julgamos que, baseados nos trabalhos já feitos, se poderia dar rápido andamento alterando, corrigindo ou aperfeiçoando o que não estiver bem e elaborar o tão esperado regulamento.

Terfamos então a vantagem de ver retiradas certas ruínas de chapas e postes que vemos nas nossas ruas principais e constituem verdadeiras afrontas ao aspecto moderno e limpo da nossa vila.

* * *

O nosso Cinema também precisa de uma ação policial mais intensa, no sentido de obviar a certa surriada e piada grosseira, estúpida e ordinária que seouve quando as cenas são um pouco mais afrodisíacas.

Há realmente ocasiões em que, determinados «alvares» que outro nome não têm, se permitem largar a «sua piada tosca», na maior parte dos casos denunciadora de um complexo de selvageria e até de incompreensão pelo público.

Bem mereciam que um ou dois fossem castigados para que se não diga que a totalidade tem de aceitar estas manifestações doentias, impróprias de gente civilizada, sem levantar o seu veemente protesto.

Reporter X

CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta, com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

O PNEU que mais barato lhe sai por Km. é o da MABOR General Agente em LOULÉ Manuel de Sousa Pedro Largo Dr. Bernardo Lopes

Alfarrobeiras
EM VASOS
Vendem-se
Tratar na Farmácia Pinto LOULÉ

FÁBRICA DE MANILHAS

DE

José Domingos de Sousa

ALMANCIL

Informa todos os interessados que iniciou o fabrico de manilhas para canalizações de água e construção civil, com garantia para resistirem a fortes pressões.

Julietta Domingues

Professora Diplomada de Corte e Alta Costura



Participa às suas estimadas Clientes e a todas as Senhoras que mudou a sua residência para a

RUA EGAS MONIZ, 22

(Esquina da Rua das Lojas)

onde continua aguardando as suas prezadas ordens.

Além de vestuário para senhoras e crianças, executa também com rapidez, economia e perfeição, todos os trabalhos em malhas para senhoras, homens e crianças, com os mais modernos padrões em «tricot» artístico.

RETOQUEMOS

(Continuação da 1.ª página)

digníssima Câmara e a simplicíssima Junta cheguem a acordo, uma com um maior subsídio e a outra com a boa vontade, para que nós, os veraneantes de Quarteira deixemos de ser... soldados.

Voltemo-nos para outro assunto.

Não vi o esboço nem ninguém me explicou como era o ante-plano de Urbanização de Quarteira, ouvi sim... que a elaboração do dito estava suspensa... que havia quem quisesse construir um hotel mas que como no ante-plano não figurava nenhum local a beira-mar para hoteis, o tal senhor tinha desistido de tão grande melhoramento... que nesse tal ante-plano o local para a construção do Casino estava situado lá para os Cavacos, embora isso levasse na mesma ao arrasamento da actual Esplanada e dos prédios que se lhe seguem no mesmo bloco... que entre o Casino e a praia haveria um «passelio...».

Ora vamos lá tentar esmiuçar algo destes «diz-se que...» mas antes, façamos pequeno reparo.

Não sei a quem foi entregue a feitura do projecto de Urbanização da Praia, nem posso dizer se o autor do dito teve uma informação e uma opinião minuciosa acerca das realidades económicas e sociais da nossa praia, pois sem um estudo prévio e sério das duas condições, principalmente a económica, o autor do projecto poderá ser um «barra» a desenhar e a arquitectar, mas nunca será capaz de fazer um projecto que nos sirva, quer dizer, que sirva Quarteira, por que ele nunca passará do papel!

Conhecessem essas estranhas personagens a honra e o orgulho, que é ser português e compreenderiam as mil e uma provas de portuguesismo, com que os irmãos portugueses de Goa, têm correspondido aos visitantes da União Indiana.

O 1.º de Dezembro continua a ser nos tempos e na história, o padrão maior e a revelação total do amor patrio dos portugueses de sempre, à gloriosa e heróica Nação Lusitana.

João Leal

(—)(—)(—)(—)(—)(—)

Sumário da ociosidade

(Continuação da 1.ª página)

te: quero estar sózinha. Acabou-se.

Assustei um pássaro que voou do galho do pinheiro. Bem podia continuar cantando. Bastava gostar de ouvi-lo. De mim até os pássaros fogem. A minha fama de selvagem tem encantado esta boa burguesia de F. admirados todos como os seus bailes, os seus chás, os seus pic-nics, as suas reuniões diárias de canasta, ainda não me conoveram e tornaram mais social.

Por que não quero convivências! — eis o problema das vivendas elegantes desta aldeia saudosa, abrigo de forasteiros. Isto conta-me a criada entre um sorriso e uma curiosidade mórbida, a pedir, também ela, uma explicação.

Grandes problemas tem esta gente, bom Deus! E eu aqui, feli, toda a manhã de pernas ao sol, a ouvir o vento e os pássaros. Só o vento e os pássaros, nos galhos verdes. As cartas que me chegam, com os mais desencontrados e espantosos assuntos de toda a espécie de problemática, são assim como um correio de outro mundo, que eu leio, entendo, mas me deixam absolutamente serena, sem alterar um mínimo as minhas certezas, as minhas conclusões, a minha tranquilidade indiferente e irônica. Entender tudo isto? Foi coisa de que desisti, há muito. Mas acho graça, lá isso... Acho muita graça! Fala-me ainda F.... numa visita.

Mas uma visita para quê? Conhecemos-nos, para quê? Mais dois inimigos próximos, decepcionados ambos, como é da praxe. E será tudo. Mas vã lá uma pessoa explicar isto assim, fria, inteligentemente!... Bendito sejas, sonho!

Maria Rosa Colaço

Para os seus SEGUROS consulte
Manuel de Sousa Pedro

—
SEGUROS em todos os ramos
Largo Dr. Bernardo Lopes
LOULÉ

A propósito do 5.º aniversário

(Continuação da 1.ª página)

causa que apenas tem do seu lado, a dedicação e o amor à comunidade onde vive.

Sabemos que se vive a correr, que o tempo mal chega para os afazeres profissionais e por isso não há vagar para prestar ao jornal a colaboração de que ele carece para se tornar o órgão eficiente e cabal da defesa dos interesses locais.

Ao referirmo-nos a colaboração, não queremos apenas mencionar a dos artigos em que poderiam ser debatidos interesses ou problemas do concelho, mas, até e acentuadamente às dificuldades que encontramos onde vamos colher elementos informativos que possam ter interesse para os leitores. Até aí, a falta de vagar nos surge, prejudicando o noticiário e obriguando-nos a sofrermos depois a injusta acusação de que não publicámos esta ou aquela notícia.

Devido a tudo o que expomos e ao enorme prejuízo material que estamos suportando só uma decisão nos restava: regressarmos a quinzenário!

Já o devíamos ter feito há mais tempo e só o respeito pelas muitas assinaturas pagas anualmente, nos inibi de tomar essa decisão, considerando ao mesmo tempo a diversidade de preços e modalidades de pagamento de vários assinantes da Metrópole, do Ultramar e do Estrangeiro.

Bem contra nossa vontade vímo-nos forçados a aguentar a periodicidade semanal até ao fim do corrente ano, para regularização das assinaturas.

Agora, que a ocasião se torna mais propícia, resolvemos reduzir o nosso grande sacrifício, e o jornal voltará a sair ao dia 1 e 15 de cada mês.

Sabemos como é desanimador retroceder, mas temos de confessar que muito mais desanimadora foi a sua experiência que tivemos de suportar, com a transformação em semanário deste jornal.

Se tanto nos atrevemos foi por puro bairrismo, porque somos louletanos por nascimento e ascendência, foi porque promessas de ajudas nos não faltaram e porque contámos com uma publicidade comercial que também falhou. Não contámos nunca ter lucros mas exigímos que o nosso sacrifício se não tornasse absolutamente incomportável para as nossas possibilidades.

No entanto devemos afirmar que com as raras exceções de que sempre nos ajudaram, seria possível manter o semanário se não fôr o negro espectro do terrível factor económico.

E por isso regressamo ao ponto de partida.

«A Voz de Loulé» passará a ser publicada quinzenalmente, sem espírito de lucro, sem outros objectivos que não sejam os de continuar a servir Loulé. Sem desfalemento, continuaremos a nos esforçarmos, sem objectivo de lucro, para não privar a nossa terra de ter este índice de civilização que o jornal representa.

Só temos a lamentar é que, durante o tempo em que fizemos tão incomparável sacrifício, não tivemos havido louletanos, que o tivessem aproveitado para debaterem mais problemas locais ou regionais evitando que se faça a errada ideia de que carecemos de valores intelectuais.

Oxalá a violência que nos leva a reduzir a sua publicação, possa despertar em tantos nossos conterrâneos, o brio e o pundonor de darmos ao seu jornal — apesar de quinzenário — o brilho e o valor que, como semanário, lhes negaram!

De contrário teremos de nos convencer cada vez mais, que está em declínio o velho bairrismo e orgulho de ser louletano!

O EDITOR

Câmara Municipal de Loulé

ANÚNCIO

Concurso público para o fornecimento de material e sua montagem destinado à sub-estação e aos postos de transformação da parte norte do Concelho de Loulé — 1.ª fase da Electrificação do Concelho.

TORNA SE PÚBLICO que no dia 26 do próximo mês de Dezembro, perante a Câmara Municipal, proceder-se á abertura das propostas relativas ao fornecimento de material e sua montagem destinado à Sub-Estação de Loulé e postos de transformação da parte norte deste Concelho, incluídos no projecto da 1.ª fase da electrificação do Concelho de Loulé.

Para serem admitidos ao concurso, os interessados necessitam de efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência ou nas suas filiais ou agências, o depósito provisório de 27.500\$00 mediante guia passada pela Secretaria desta Câmara Municipal, em qualquer dia útil até à véspera do concurso.

A base de licitação é de Esc. 1.100.000\$00

O programa do concurso e caderno de encargos estarão patentes na Secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas de expediente, onde poderão ser consultados pelos interessados.

Paços do Concelho de Loulé, 27 de Novembro de 1957.

O Presidente da Câmara,
José João Ascensão Pablos

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS dos OLHOS

Consultas às 11 h. e às 15 h.

Rua Filipe Alistão, 27

FARO

Dr. Teodoro de Sousa Pedro

CLÍNICA GERAL

Consultas:

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

das 15 às 18 horas

Telefone 52

Residência: RUA 5 DE OUTUBRO, 67 — Telef. 196

LOULÉ

QUARTEIRA

Vendem-se três prédios bem localizados e de boa construção.

Tratar com Carlos F. Viegas [Carlos Jacinto] — Quarteira.

QUARTEIRA...

a nossa praia

(Continuação da 1.ª página)

mente a trabalhar entre Vale d'Eguas e Quatro Estradas. Seguidamente levantará o perfil entre esta última localidade e Quarteira, se esta povoação receber energia por intermédio dessa Ex.º Câmara.

Venho solicitar de V. Ex.º indicação se devo ou não mandar executar os trabalhos cujo programa indiquei ou se devo mandar terminar o levantamento em Quatro Estradas, não se fazendo portanto o trabalho para Quarteira. Assim procedo a fim que essa Câmara não faça despesas desnecessárias. Mais solicito de V. Ex.º indicação, se, concordes em que a linha para Quarteira se for construída pela Câmara, passe pela parte posterior do Cemitério, pela Horta do Romão e termine no Largo do Mercado; d'áqui à Central um cabo armado subterrâneo alimentaria o posto de transformação, nela a instalar.

Caso seja resolvido alimentar Quarteira por intermédio de linhas dessa Câmara, há necessidade de elaborar projecto do Posto de Transformação a instalar na Central de Quarteira. Quem elaborará o projecto, o signatário ou o responsável pela rede de Quarteira?

A Câmara oficiou à Junta de Turismo, pedindo para ponderar o conteúdo da carta atraç transcrita, cuja cópia remeteu e insistiu por uma resposta que a habilitasse a dar solução ao caso apresentado pelo senhor engenheiro, encarregado do projecto.

A resposta da Junta de Turismo é realmente digna de registo!

«De harmonia com o solicitado no ofício de V. Ex.º n.º... cumpre-me informar a resolução desta Junta em sua última reunião, não ver vantagens em retirar de sua administração os Serviços Elétricos, cujo serviço que ela tem conduzido, até hoje, com tanto acerto e desvelo.

Todavia interessa a esta Junta, manter mais este contacto com os banhistas, conservar a facilidade de iluminar ruas e recintos de festas. 1-VI-956».

Custa a acreditar, mas é assim mesmo!

A Junta rejeitou a oferta da Câmara de lhe construir uma linha de alta tensão, sem sequer discutir — como aliás estava no seu direito — quem seria o distribuidor!

E assim ficou Quarteira, isolada do resto do concelho, sem projeto nem possibilidade de ter energia da CEAL, porque queria conduzir os serviços eléctricos com o acerto e desvelo com que os tem conduzido! O que não conseguimos perceber é como atraímos da luz a 4\$00 o quilo-vátilo, se mantém contacto com os banhistas!

Ainda que a Junta estivesse em condições de mandar estudar o projecto de ligação do ramal Vale d'Eguas-Quarteira, como há pouco disse, o seu Presidente, quando é que isso está pronto? Quando é que a Junta vai conseguir a participação do Estado? Onde é que a Junta vai buscar o dinheiro para fazer face à compra-participação?

O custo desse ramal está calculado — grossomodo — em 300 contos. Que necessidade tinha a Junta de Turismo de se sobre-carregar com esse encargo, que a Câmara lhe oferecia oficiosamente?

Ora digam-nos lá, se por este processo, a Junta de Turismo de Quarteira, pode pensar em gastar algum dinheiro fóra do Serviço Eléctrico?

E admiram-se quando dizemos que há deturpação de funções!

E ainda nos vêm falar da compra de mais um motor!

*
Custa-nos criticar assuntos apresentados com tanta clareza, mas apelamos para a consciência dos nossos leitores e estamos certos que não haja quem reconheça que Quarteira não é a nossa Praia, mas um Estado Independente cheio de orgulho e vaidade na sua soberania, nas suas faculdades e direitos morais, nos serviços de luz que tem conduzido com tanto «acerto e desvelo»!

R. P.

V. Ex.º deseja comprar uma máquina de tricotar? Não compre qualquer marca, compre sim...

A RAINHA DAS MÁQUINAS DE TRICOTAR

«M ATADOR »

O expoente máximo da Indústria Alemã

Simples - Resistente

Rápida - Perfeita

Vendas a prestações mensais desde Esc. 90\$00

no AGENTE OFICIAL

Centro Comercial de Representações e Informações

Rua da Carreira, n.º 5
LOULÉ - Telef. 277

SCOOTER

Em estado nova, vende-se. Marca Durkopp Dianna, 2 H.P..

Nesta redacção se informa.

X X X

LOULÉ - Telef. 277

SE TENCIONA

ENVIAR cumprimentos de BOAS FESTAS aos seus Familiares e Amigos e deseja fazê-lo em bonitos originais cartões, DEVE encomendá-los, desde já, na

GRÁFICA LOULETANA
LOULÉ
Telephone 216

NÃO RESERVE PARA ÁMANHÃ

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Dezembro:

Em 1, a sr.ª D. Gracinda Chumbinho de Sousa, residente em Lisboa e as meninas Maria Natália Pinto Mazagão e Maria Olávia de Sousa Correia e os srs. Alfers Orlando Sequeira da Silva e Raul Batista Machado e a sr.ª D. Maria Antónia Vaz do Nascimento.

Em 3, a menina Maria Rosa Pinto Correia.

Em 5, o sr. José Gonçalves de Sousa Oliveira.

Em 6, o menino Alexandre Cavaco Carrilho.

Em 8, as meninas Maria da Conceição Brito da Mana e Solange Farrajota Ralheta.

Em 9, a sr.ª D. Maria da Conceição Nunes.

Em 10, a sr.ª D. Filomena das Neves Rocheta.

Em 13, a sr.ª D. Albertina Monteiro Sotto Mayor Pinto.

Em 14, a menina Maria Inês Ramos Cecília.

PARTIDAS E CHEGADAS

— De visita à sua terra natal, encontra-se em Loulé o nosso conterrâneo e prezado assinante no Canadá, sr. Manuel Guerreiro Laginha.

— Retirou para os Estados Unidos, onde vai fixar residência, o sr. Manuel Correia Pintasilgo.

— Com destino ao Canadá, retirou há dias de Loulé o nosso conterrâneo sr. José Guerreiro Laginha, que vai fixar residência naquele próspero País.

Quando V. Ex.^a pretender comprar

Livros, Revistas, Artigos escolares, T. S. F. e T. V., Máquinas de escrever, Cadeeiros eléctricos e outros artigos de novidade,

CONSULTE SEMPRE o

Centro Comercial de Representações e Informações

Rua da Carreira, n.º 5

LOULÉ — Telef. 277

onde compra com grandes facilidades de pagamento.

Ecos de SALIR

No passado dia 10 realizou-se, na Igreja paroquial desta freguesia, o casamento da sr.ª D. Alice da Silva Simões Gordino, prendada filha da sr.ª D. Alice Simões Gordino e do sr. José Joaquim Gordino, residentes nesta localidade, com o sr. Santiago Pereira Apolo, filho do sr. José Apolo e da sr.ª D. Maria Pereira.

Apadrinharam o acto por parte da noiva o sr. Dr. António Teixeira Dias Quintino e sua esposa, e por parte do noivo o sr. Manuel Martins Dourado Eusébio e a sr.ª D. Ivone Júdice Pontes Dias.

No final foi servido aos noivos e convidados um finíssimo «copo d'água».

Ao novo casal desejamos as maiores felicidades.

C.

MÁQUINAS de apanhar malhas «VAPEDRONE»

A prestações mensais, desde Esc. 108\$50

no Agente Oficial

Centro Comercial de Representações e Informações

Rua da Carreira, n.º 5

LOULÉ — Telef. 277

ARMAZÉM

Aluga-se um armazém na Avenida José da Costa Meaia, 4.

Se tem necessidade de encomendar

Cartões de Boas Festas ou de Visita

Não reserve para «ámanhã». Faça-o com a conveniente antecedência na

GRÁFICA LOULETANA — Loulé

A Voz de Loulé

Mercados mundiais

NEGÓCIOS MUITO ACTIVOS nos frutos sécos

Por aquilatarmos da sua utilidade na orientação que pode proporcionar ao interessado negócios entre a produção e comércio dum dos mais importantes sectores da nossa província, damos à publicidade algumas informações e cotações obtidas nas principais praças internacionais dos frutos secos.

É-nos possível transmitir este interessante serviço informativo, devido à gentileza do nosso estimado colaborador sr. José Ferreira Torres, a quem endereçamos os nossos agradecimentos.

Londres, 21-XI-57

Durante as últimas duas semanas, no mercado londrino da amendoa tem-se observado notáveis oscilações nos preços, sobretudo na descida de proveniente italiana.

Dez dias antes os preços para esta amendoa tinham descido a 317 «shillings» os 50,502 Kgs. Entretanto, e sucessivamente, têm-se realizado cotações a 345 sh. (Esc. 275\$16) o que para estabilizar-se a 340 sh. (Esc. 26\$77, o quilo). Este andamento irregular dos preços da amendoa pela iniciativa dos compradores continentais que ao princípio se abstiveram de efectuar compra, mas, entretanto, têm procurado, sucessivamente, reconstituir os seus «stocas». Pelo que se refere à amendoa espanhola, não se tem registado grande actividade. A maior parte dos negócios é referida à amendoa Jordana, Planetas Valência, seleccionadas, pelo que são ponquissimos os negócios em amendoa não seleccionada. Algumas partidas de amendoa Valência não seleccionada têm sido negociadas a 320 sh. os 50,502 Kgs.

Segundo a opinião corrente entre os operadores londrinos do se-

ctor da amendoa, logo que os agricultores espanhóis e italianos terminem a sua colheita da azeitona, modificarão o seu retramo na venda para os mercados estrangeiros.

Durante a semana finda, no mercado londrino da amendoa e da noz, foram praticados os seguintes preços:

Amendoa: (por cwt.—50,802 Kg) para embarque Novembro, da nova colheita, limpida: Bari 327 sh., P. G. 33 sh., Espanhola tipo Valência, nominal; Malaga, 3, 4 e 5 coroas em sacos, embarque Novembro-Dezembro, 417 sh. Disponível Bari 390 sh.

Figos secos: Discreto o interesse dos compradores londrinos pelo figo seco. Ofertas genuínas naturais em pequenas quantidades a 108/110 «shillings» os 50,802 Kgs (9\$45 o quilo). Entretanto, têm sido vendidos extra-genuínas a 118/120 sh. com direitos de importação compreendidos.

Marselha, 21-XI-57

As cotações dos frutos secos praticados no mercado marselhês durante a semana passada, podem resumir-se como segue, em francos por quilo:

Amendoa doce descascada: Algerina 395 caf (custo e fréte); Marroquina 370 caf; Marroquina esfolhada 385/395 caf. Tunisina 390 caf; Bari de Primeira, a granel 365; idem limpida 370; idem esfolhada 380; idem calibrada 395; P. G. a granel 370; idem limpida 375; idem esfolhada 385; idem calibrada 400; comum 335 Fob; Esperança Primeira 405 fob; Valência sel. 385 fob; Malorça esc. 395 fob; Largueta 460/500 fob; PORTUGUESA 385; Grega 400; Branca espanhola 440 fob; Branca ital. 450; BRANCA PORTUGUESA 460; especial branca espanhola 420 fob; idem italiana 430 fob; idem PORTUGUESA 440.

Amendoa amarga descascada: Marroquina 275 caf.; Italia, 290 caf.; Espanhola 270 fob.

Amendoa em casca: Molar tarragona 205 Fob; Molar cartagena 165 fob; Fitas Ibiza 155 fob; TENRA PORTUGUESA 165.

Figos sécos: — D'Algeria: 180/210 (Standard, Extra, bello) por quilo.

Nozes descascadas: Turquia 425/430 — Romanas 470 — Piemonte 490 — Nápoles 410/440 — Tarragona 400/435 fob. Preços superiores portanto, aos da amendoa.

O mercado marselhês dos frutos secos apresenta-se sempre muito activo durante o período em exame, tanto para a amendoa como para a noz. Sómente que para o primeiro fruto, além daqueles de África setentrional e de Portugal, têm sido negociadas discretas partidas de amendoas italianas pedidas sobretudo aos comerciantes da Costa Azul. Para a noz, tem-se registado importantes negócios de origem turca por conta da indústria suíça de chocolate. Estabilizados os preços dos figos secos algerinos, também porque a procura é menos activa.

Bari, 21-XI-57

Na jornada do mercado nacional, na Bolsa de Mercadorias, aumentou a procura do figo industrial e comestível, tipo coroa, com escassas disponibilidades desta mercadoria. Eis as cotações por quintal de 100 quilos, em liras, mercadoria posta no armazém.

Amendoa: descascada, massa doce, originária Bari 51500/52000 idem amarga 43/43500.

Alfarroba: a granel 4300/4400.

Figos secos: industrial 6400/6500; comestível, inteiro, crú, optativo, em celofane 10.000/10.200; idem coroa 9.300/9.400.

(Extracto de «24 ORE»)

Possibilidades turísticas ALGARVIAS

1 — O ALGARVE E O TURISMO

Se é certo que temos muitas e inegáveis condições para fomentar o turismo na província algarvia, é igualmente certo e conhecido, que turisticamente ainda não alcançámos aquele campo mínimo, que seria de desejar e de legitimamente compreender.

Em nossos dias, esta forma de actividade económica, aliada ao seu fundamental aspecto recreativo e cultural, constitui uma das grandes fontes de receita de vários países (casos da França e Itália), e movimenta um considerável número de organizações, abrindo novas possibilidades.

Os transalpinos devem grande parte do seu desenvolvimento e recuperação no apôs-guerra ao turismo, pois as belezas naturais e sobretudo as obras humanas — igrejas, museus, ruínas, etc. — eram um cartaz contínuo e um convite permanente, aliado a uma bem elaborada organização, onde o problema económico constitui uma principal preocupação.

No que respeita a Portugal, tem-se feito na realidade tentativas dum turismo sério, havendo a destacar a obra do S. N. I., que tem tentado levar ao conhecimento do estrangeiro as belezas do nosso país e da cultura portuguesa.

Alg se tem feito e hoje é já considerável o número de turistas que os visitam, subindo gradualmente o número, ano após ano. No que respeita ao conhecimento directo da Nação, pelos seus habitantes, também se tem progredido, estimulando o gosto pelo excursionismo e propaganda interfronteiras, os cartazes turísticos de regiões diferentes.

Mas quanto a nós, o Algarve, ainda não foi descoberto totalmente, com as suas variadas maravilhas naturais, resumindo-se quase que sempre e só ao período da florada das amendoiras. ora, isto é um pequeno período e, como sabemos, não se pode pretender realizar turismo de período ou época, mas obra de continuidade, sem paralisação das actividades.

Tentou a Casa do Algarve, levantar um pouco a cortina, mostrando aos representantes da imprensa diária da capital o que é a «PRIMAVERA NO ALGARVE» — época na realidade atraente e maravilhosa.

Os organismos locais também têm, dentro das suas possibilidades, quase sempre reduzidas, procurado os meios necessários para melhorar as condições turísticas locais. Mas a estas atitudes, quase sempre isoladas, tem faltado o elo necessário para que numa comunhão de esforços se colhessem mais e melhores frutos, com evidentes vantagens para o Algarve.

É necessário propagandear a Província, chamar a atenção dos outros para o nosso folclore, para a nossa arte popular e sobretudo para esse dom eternamente belo, que são os encantos naturais desse maravilhoso rincão. Toda a província, tem na realidade muitas condições turísticas, que intelligentemente aproveitadas e solucionados os problemas que lhe são adstritos poderiam ser o motivo dum maior incremento comercial.

J. L.

Portugal está em bom campo

Porque o Tribunal de Justiça Internacional de Haia julgou improcedentes as objecções levantadas pela União Indiana para que concesse das nossas quelas quanto aos territórios de Dardá e Nagar-Aveli, conclui-se que tais objecções eram meios ditatoriais próprios de quem deve e, por consequência, teme.

Embora só o julgamento da questão de fundo constitua decisão sobre o mérito do nosso direito, congratulamo-nos com este êxito preliminar e não podemos deixar de saudar o Governo da Nação pelo reconhecimento do aprumo da sua atitude e pelos fundamentos com que decidiu submeter, à apreciação daquele Alto Tribunal, a questão que o imperialismo de falso pacifista do sr. Nerhu contra nós provocou.

Está o País da parabéns.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

em banheiras, louças sanitárias

e outras

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Azulejos brancos a \$85

JOÃO DE OLIVEIRA

Av. Marçal Pacheco — Loulé

No limiar do Ano VI

(Continuação da 1.ª página)

manas, o número necessário de horas vagas e dai o desgosto que vamos dar aos que tanto gostam de nos ler de graça de só podermos fazê-lo 2 vezes por mês... Paciência a todos.

Aos nossos amigos, colaboradores e simpatizantes endereçamos, neste dia, as nossas saudações e os nossos agradecimentos com a promessa de, semanalmente, tentarmos levantar mais alto, mais limpida e mais agradável esta «Voz» que deseja continuar a ser a vossa.

J. R.

Loulé, 21 de Novembro de 1957

O Chefe da 2.ª Secção

António Ilídio Assis da Veiga Verifiquei

O Juiz de Direito

Marino Barbosa Vicente Júnior